

Em 2010 nós, as mulheres da Marcha Mundial das Mulheres, vindas de todo o Brasil, estaremos em marcha de 8 a 18 de março. Com essa ação, vamos anunciar, mais uma vez, a todos os cantos do país, nossas propostas para um mundo de igualdade, liberdade, justiça, paz e solidariedade.

Queremos mostrar a força e perseverança de milhares de mulheres que têm a solidariedade como um de seus principais valores. Queremos mostrar nossa força, nossa organização, nossa diversidade e, ao mesmo tempo, nossa capacidade de união para construir um mundo onde caibamos todas.

Com essa marcha traremos reivindicações para mudar a vida das mulheres e mudar o Brasil.

O que é a Marcha Mundial das Mulheres?

A Marcha Mundial das Mulheres nasceu no ano 2000 como uma grande mobilização que reuniu mulheres do mundo todo em uma campanha contra a pobreza e a violência. As ações começaram em 8 de março, Dia Internacional da Mulher, e terminaram em 17 de outubro, organizadas a partir do chamado "2000 razões para marchar contra a pobreza e a violência sexista".

A inspiração para a criação da Marcha Mundial das Mulheres partiu de uma manifestação realizada em 1995, em Quebec, no Canadá, quando 850 mulheres marcharam 200 quilômetros, pedindo, simbolicamente, "Pão e Rosas". A ação marcou a retomada das mobilizações das mulheres nas ruas, fazendo uma crítica contundente ao sistema capitalista como um todo. Ao seu final, diversas conquistas foram alcançadas, como o aumento do salário mínimo, mais direitos para as mulheres imigrantes e apoio à economia solidária.

Entre os princípios da MMM estão a organização das mulheres urbanas e rurais a



“Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres”



Joane Mc Dermott



Arquivo MMM



Arquivo SOF

partir da base e as alianças com movimentos sociais. Defendemos a visão de que as mulheres são sujeitos ativos na luta pela transformação de suas vidas e que ela está vinculada à necessidade

de superar o sistema capitalista patriarcal, racista, homofóbico e destruidor do meio ambiente.

A Marcha busca construir uma perspectiva feminista afirmando o direito à auto-determinação

das mulheres e a igualdade como base da nova sociedade que lutamos para construir.

Ações internacionais da Marcha Mundial das Mulheres

A Marcha Mundial das Mulheres já realizou duas ações internacionais, nos anos 2000 e 2005. A primeira contou com a participação de mais de 5000 grupos de 159 países e territórios. Seu encerramento mobilizou milhares de mulheres em todo o mundo. Nesta ocasião, foi entregue à Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, um documento com dezessete pontos de reivindicação, apoiado por cinco milhões de assinaturas. Essa ação foi caracterizada como um primeiro chamado de largo alcance, um passo no sentido da consolidação da MMM como movimento internacional.

A segunda ação mundial, realizada em 2005, novamente levou milhares de mulheres às ruas. A Marcha construiu a Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade, em que expressa sua visão das alternativas econômicas, sociais e culturais para a construção de um mundo fundado nos princípios da igualdade, liberdade, justiça, paz e solidariedade entre os povos e seres humanos em geral, respeitando o meio ambiente e a biodiversidade. De 8 de março a 17 de outubro daquele ano a partir de um retalho de cada país, foi construída uma grande Colcha Mosaico Mundial de Solidariedade, uma forma simbólica de representar a Carta.

Ação Internacional de 2010: “Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres”

Em 2010, a Marcha Mundial das Mulheres vai organizar sua terceira ação internacional. Ela será concentrada em dois períodos, de 8 a 18 de março e de 7 a 17 de outubro, e contará com mobilizações de diferentes

100 anos do 8 de Março

Em 8 de março de 2010, celebraremos os 100 anos da declaração do Dia Internacional das Mulheres, cuja origem está ligada à história de lutas e militância das mulheres socialistas.

No ano de 1908, as mulheres socialistas dos Estados Unidos passaram a organizar um Dia das Mulheres dedicado à luta pelo direito ao voto. Essas mulheres eram parte do movimento sindical e socialista e foram protagonistas de amplos movimentos grevistas por direitos trabalhistas.

Em 1910, na II Conferência Internacional das Mulheres Socialistas, em Copenhague, Dinamarca, Clara Zetkin propõe que, a exemplo das irmãs americanas, começasse a ser celebrado o Dia Internacional das Mulheres.

Nos anos seguintes, as comemorações se espalharam pela Europa, mas ainda sem data fixa e única para todos os países, apesar de sempre fazerem referência ao direito ao voto feminino como parte da luta pela emancipação das mulheres.

Já em 8 de março de 1917 (23 de fevereiro no calendário ortodoxo), um grupo de operárias russas iniciou uma greve geral contra a fome, a guerra e o czarismo, construindo um processo de lutas que deu início à revolução de fevereiro. A iniciativa partiu das trabalhadoras das indústrias têxteis – as mais oprimidas e exploradas, que se lançaram às ruas de Petrogrado mobilizando cerca de 90 mil pessoas.

Quatro anos depois, em 1921, o dia 8 de março foi proposto como o Dia Internacional das Mulheres, para lembrar e homenagear a iniciativa das mulheres russas.

Arquivo MMM



formatos, que acontecerão em vários países do mundo. O primeiro período, que marcará o centenário do Dia Internacional das Mulheres, será de marchas. O segundo, de ações e marchas simultâneas, com um ponto de encontro em Sud Kivu, na República Democrática do Congo. Este momento expressará a solidariedade internacional entre as mulheres, enfatizando seu papel protagonista na solução de conflitos armados e na reconstrução das relações sociais em suas comunidades, em busca da paz.

O tema das mobilizações de 2010 é "Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres", e sua plataforma se baseia em quatro campos de atuação sobre os quais a Marcha Mundial das Mulheres tem se debruçado: Bens comuns e Serviços Públicos, Paz e desmilitarização, Autonomia econômica e Violência contra as mulheres. Cada um desses eixos se desdobra em reivindicações que apontam para a construção de outra realidade para as mulheres em nível mundial.

As próximas ações mundiais refletirão a força das mulheres que se organizam para lutar por autonomia e auto-determinação, dentro de uma proposta de construção do mundo que queremos. Neste rumo, a ação de 2010 pretende demonstrar o

quanto a MMM se tornou um movimento incontornável, no sentido de propor e lutar por alterações reais na conjuntura e na vida das mulheres.

A Marcha Mundial das Mulheres no Brasil

As mulheres brasileiras participam ativamente da Marcha desde seu início, buscando concretizar suas reivindicações dentro de nossa realidade. Em 2000, construímos nossa Carta das Mulheres Brasileiras, que exigia terra, trabalho, direitos sociais, auto-determinação e soberania.

Seguimos atuando em lutas que questionam as desigualdades em nosso país e exigem mudanças gerais que transformem a vida das mulheres. Por isso, lutamos pela valorização do salário mínimo como uma medida que beneficia a maioria das trabalhadoras, em particular as negras e rurais, e atuamos por mudanças nas políticas econômicas. Questionamos o pagamento da dívida externa ilegítima e rechaçamos as políticas de livre comércio. Saímos às ruas para protestar contra a Alca (Área de Livre comércio das Américas), a OMC (Organização Mundial do Comércio), e contra as políticas de juros altos e enormes taxas

Juliana Bruce



de superávit primário, contra o agronegócio e os transgênicos. Lutamos pela distribuição da riqueza em nosso país, ainda estruturado em uma enorme desigualdade social.

A Nossa Luta é todo dia!

"Somos mulheres e não mercadoria" é nossa palavra de ordem, que expressa a essência de nossa luta contra o patriarcado e o capitalismo, o racismo e a homofobia.

As grandes empresas que dominam a agricultura e a



Iuri Cotas



Juliana Bruce



8 de março de 2009 - Marcos Aragão

Ação de 2010 no Brasil

A ação internacional da Marcha Mundial das Mulheres no Brasil acontecerá entre os dias 8 e 18 de março. Será uma marcha entre as cidades de Campinas e São Paulo, com 3 mil mulheres, organizadas em delegações de todos os estados em que a MMM está presente. Será uma grande ação de denúncia, reivindicação e formação, que pretende dar visibilidade à luta feminista contra o capitalismo e a favor da solidariedade internacional, além de buscar transformações reais para a vida das mulheres brasileiras.

A mobilização e organização para a ação internacional da Marcha Mundial das Mulheres no Brasil já começou. Entre os dias 15 e 17 de maio, a MMM realizou um seminário nacional, do qual participaram militantes de 18 estados (AM, AP, AL, BA, CE, DF, GO, MA, MG, PA, PB, PE, PR, RJ, RN, RO, RS e SP), além de representantes de movimentos parceiros como ANA, ASA, AACC, CONTAG, MOC, MST, CUT, UNE e Movimento das Donas de Casa). Este seminário debateu e definiu as diretrizes da ação de 2010 e deu o primeiro passo para organização da atividade nos estados.

Os comitês estaduais da MMM saíram deste encontro com tarefas como arrecadação financeira, organização de seminários e atividades preparatórias de formação e mobilização, na perspectiva de fortalecimento dos próprios comitês e das alianças entre a Marcha Mundial das Mulheres e outros movimentos sociais. Neste momento, estão sendo realizadas plenárias estaduais para a formação das delegações e organização da ação de 2010.

Sud Kivu: Mulheres atuam para reduzir conflito

A região de Sud Kivu, leste da República Democrática do Congo, vive uma realidade de extrema violência há anos, apesar da assinatura de um "Ato de Engajamento" com o comprometimento do governo e de grupos armados em acabar com as atrocidades na região, em janeiro de 2008. Marcada por intensas disputas, que remontam às políticas colonialistas europeias, ao genocídio em Ruanda e ao controle de grandes quantidades de recursos naturais estratégicos, vive uma guerra conduzida por "exércitos de negócios", que lutam por poder na África Central e por riquezas como ouro e pedras preciosas, enquanto fazem dos civis suas vítimas.

O conflito é causado por diversas milícias e exércitos, que supostamente tentam proteger seus povos e etnias, mas que têm sido responsáveis por estupros e abusos sexuais sistemáticos de mulheres e meninas, bem como pela tortura de soldados crianças, segundo informações do Relatório da Anistia Internacional. O estupro é utilizado como arma de guerra e em algumas regiões da República Democrática do Congo, cerca de 70% das meninas e mulheres de todas as idades foram estupradas ou sexualmente mutiladas. As crianças nascidas dessa violência são frequentemente rejeitadas e suas mães são banidas pelos maridos, famílias e comunidades.

produção industrial impulsionam um processo de dominação sobre nossos corpos. É a lógica da dominação do mercado para garantir os lucros, em detrimento da sustentabilidade da vida humana. A tirania do mercado se ancora nas mulheres trabalhadoras como um recurso inesgotável, em sua transformação em objetos apropriados e controlados, como um produto nos moldes do mercado. Esse é o sentido da imposição de um padrão de beleza inatingível e da eterna juventude como sinônimo de felicidade. A busca desse ideal inexistente nos aprisiona na ansiedade do consumismo e molda nossa socialização como mulheres.

A construção da imagem se completa com o ideal da maternidade, que nega às mulheres o direito de decidir se querem ou não ser mães. Assim nossas vidas estão marcadas pelo destino do trabalho interminável, da maternidade e da obrigação de agradar o outro em modelo de heterossexualidade obrigatória que nega ao lesbianismo. Nos mobilizamos pelo direito das mulheres à autonomia e autodeterminação em relação à sexualidade e à maternidade.

Nossa luta é contra a sociedade de mercado, do lucro, da exploração e opressão e por uma sociedade organizada para o bem estar de todos.



Plataforma de Ação

Pela autonomia econômica das mulheres

O reconhecimento do trabalho das mulheres e o questionamento da divisão sexual do trabalho estão no centro do debate sobre autonomia econômica feminina. Para isso, é necessário construir novas relações sociais e um novo modelo econômico. O modelo dominante só considera como econômicas as atividades realizadas na esfera mercantil, desconhecendo uma imensa quantidade de trabalho doméstico, de cuidados, e para o auto-consumo, na maioria realizados por mulheres. Além disso, desvaloriza o trabalho assalariado realizado pelas mulheres.

Marchamos por um salário mínimo digno. Denunciamos as diversas formas de exploração da força de trabalho das mulheres, que são submetidas à situações degradantes e à várias formas de assédio. Defendemos a igualdade no acesso ao trabalho e seguridade social universal para homens e mulheres. Lutamos pela reorganização do trabalho doméstico, que deve ser responsabilidade compartilhada com os homens e o Estado, a partir de políticas que implantem serviços públicos como creches, lavanderias e restaurantes coletivos e cuidados para idosos e doentes. A partir da discussão sobre autonomia econômica, seguiremos com nossa crítica à sociedade de mercado, às transnacionais, às privatizações de serviços públicos, à pobreza, em particular das mulheres negras e rurais.

Por um mundo sem violência contra as mulheres

A violência contra as mulheres, realidade presente em todos os países, precisa acabar. Queremos explicitar como e porque ocorre essa violência, cuja raiz está no machismo, transversal à sociedade capitalista, que nos coloca como mercadorias e objetos, seja na indústria da prostituição e pornografia, ou na forma como somos representadas pela publicidade. É preciso dar visibilidade às lutas das mulheres contra a violência sexista, a partir da sensibilização da sociedade e da elaboração de demandas aos Estados, além da realização de campanhas de educação popular que apontem para a conscientização feminista.

Marcharemos pelo fim de toda forma de violência contra as mulheres. Denunciaremos a violência sexista, a prostituição e outras formas de mercantilização do corpo das mulheres, além da exploração que a mídia comercial faz de nossa imagem. Marcharemos pela descriminalização e legalização do aborto, pelo direito da mulher em decidir sobre os rumos de sua vida e sua sexualidade, e pelo fim da violência urbana, que tem no corpo das mulheres uma de suas expressões.

Contra a privatização da natureza e dos serviços públicos

Lutar por Bens comuns e serviços públicos significa afirmar os

princípios de soberania alimentar e se posicionar contra as privatizações de serviços públicos e da natureza, além de afirmar a responsabilidade do Estado na garantia de direitos como saúde, educação, acesso à água e saneamento.

É necessário priorizar a agricultura camponesa e familiar, mudar o modelo energético para que outro que garanta a sustentabilidade ecológica, o que só será possível com o fim do financiamento ao agronegócio. A produção industrial e a agrícola devem estar voltadas para o mercado interno e para um modelo sustentável, que diga não às patentes, à privatização da biodiversidade, da água e das sementes, recuperando a função social do uso da terra. A água é um bem público que deve ser utilizado de forma democrática e responsável, por isso somos contrárias à transposição do rio São Francisco. É urgente o fim da exploração depredatória dos recursos naturais, que tem comprometido a sobrevivência das populações e das gerações futuras.

Marcharemos pela realização da Reforma Agrária e pela adoção de políticas de soberania alimentar e energética. Exigiremos o fim do desmatamento desenfreado e da poluição, do uso indiscriminado de agrotóxicos, além da moratória do cultivo e comercialização de transgênicos por tempo indeterminado. As mulheres têm papel fundamental no questionamento ao modelo que impõe as prioridades das grandes transnacionais, que ocupam territórios para a expansão do agronegócio, e na proposição e desenvolvimento de alternativas que apontem para a efetivação da soberania alimentar e energética.

Paz e desmilitarização

Queremos evidenciar as consequências diretas das guerras e conflitos nas vidas das mulheres, que vão além das enfrentadas pela população masculina dos países que vivem essa realidade. Em contextos de guerra, a apropriação do corpo das mulheres é vista como recurso, forma de controle, intimidação ou troféu. Casos de violência sexista

Participe!

Para fazer parte da ação internacional de 2010, procure os comitês estaduais da Marcha Mundial das Mulheres, ou entre em contato com a Coordenação Nacional. Informações e contatos estão disponíveis em nossa página na internet, no endereço <http://www.sof.org.br/acao2010>, pelo correio eletrônico marchamulheres@sof.org.br ou telefone (11) 3819-3876.

são comuns, praticados tanto pelo exército e por grupos paramilitares, como pela comunidade local, cujos homens passam a rechaçar e culpar mulheres vítimas das agressões.

A manipulação ideológica, que está por trás dos conflitos quando propaga, por exemplo, a guerra ao terrorismo, também tem impacto na vida das mulheres, criminalizando as integrantes de movimentos sociais e restringindo seu direito de ir e vir. Além da denúncia do papel dos fabricantes de armas, que tanto lucram com os conflitos e interferem politicamente em seus rumos, este eixo procura demonstrar a responsabilidade dos Estados e da ONU, cujas tropas trazem mais violência às mulheres.

No Brasil, lutamos contra a criminalização da pobreza e dos movimentos sociais e contra o processo crescente de militarização da sociedade, que se manifesta por meio de atitudes repressivas e violentas do Estado, como os inúmeros assassinatos cometidos pelas polícias, ou na crença de que as armas são capazes de resolver a questão da segurança pública. Denunciamos como essas ações atingem, sobretudo os negros e negras.

Reivindicamos a retiradas das tropas brasileiras do Haiti e somos contra o financiamento público às grandes empresas brasileiras que atuam nos países latino americanos com base em um modelo de desenvolvimento insustentável, que aprofunda desigualdades. Reafirmaremos nossa convicção em um projeto de integração soberana, solidária e com igualdade para os povos da América Latina e Caribe.